

NEM TUDO QUE RELUZ É OURO: DISCUTINDO MEMES E *FAKE NEWS* EM TEMPOS DE PANDEMIA

Marcelle Medeiros Teixeira¹
Dilton Ribeiro Couto Junior²
Leandro Teofilo de Brito³

RESUMO

Este texto, fruto de pesquisa de mestrado em andamento, visa discutir o papel dos *memes* em resposta às *fake news* brasileiras compartilhadas na rede em tempos de pandemia. O trabalho selecionou *memes* que evidenciam alguns episódios brasileiros recentes que trazem à tona temas como a banalização do novo coronavírus, possíveis tratamentos para a cura da doença, além de uma crescente insatisfação social na rede diante da forma pela qual o Governo Federal vem lidando com a pandemia no país. Para isso, apostamos na abordagem cartográfica para refletir sobre o que narram os *memes* postados na rede em tempos de pandemia, reconhecendo que esses arquivos digitais nos convidam a olhar criticamente para as repercussões sociais de um tempo marcado por intensas disputas políticas. Pesquisar *memes* que expõem *fake news* brasileiras significa apostar na importância da rede para potencializar a produção e o compartilhamento de imagens-dizeres que nos convidam a participar de um importante movimento ciberativista orquestrado na internet contra algumas decisões governamentais em tempos de pandemia.

PALAVRAS-CHAVE

Pandemia. *Fake news*. *Memes*. Ciberativismo.

¹ Mestranda (bolsista FAPERJ) no Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas (PPGECC) da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FEBF/UERJ). E-mail: marcellemteixeira@gmail.com.

² Professor Adjunto da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e do Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas (PPGECC) da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense da UERJ.

³ Professor Adjunto da Escola de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Atualmente é pós-doutorando do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ProPEd/UERJ) e vice-líder do grupo de estudos sobre Diferença e Desigualdade na Educação Escolar da Juventude (DDEEJ-UERJ).

1 PANDEMIA DE *FAKE NEWS* NA ERA COVID-19: INICIANDO O DEBATE

Há uma voz interior em nós que resiste às mentiras [...]. O desafio é convertê-la de um sussurro em um rugido. A verdade está por aí. Tomara que nós a exijamos.

Matthew D’Ancona (2018, p. 17)

No final de 2019, uma quantidade cada vez maior de chineses que apresentavam insuficiência respiratória, tosse, febre, entre outros sintomas, foi diagnosticada com a COVID-19, trazendo grande preocupação mundial devido à inexistência de um tratamento eficaz disponível para a população (GARRIDO; GARRIDO, 2020). Em março de 2020 foi decretada a pandemia pela Organização Mundial da Saúde (OMS), devido ao alto número de pessoas infectadas em todo o mundo. Enquanto a vacina não chega a todas as pessoas, vêm sendo implementadas medidas de saúde pública orientadas pela OMS e que “visam impedir a propagação da doença, interrompendo a transmissão do vírus por meio da restrição do contato interpessoal. Entre as práticas adotadas estão a quarentena, o isolamento e a contenção social” (GARRIDO; GARRIDO, 2020, p. 129).

Além do caos social instaurado, não poderíamos desconsiderar a quantidade de *fake news* produzidas e difundidas na rede, cujo conteúdo informativo de caráter duvidoso colocou e vem colocando em risco a saúde e segurança da população. As informações compartilhadas na rede forjam a criação de realidades sociais, alteram nossas percepções de mundo, ou seja, nossa forma de compreender a vida cotidiana (SANTOS; COLACIQUE; CARVALHO, 2016). Em pouco tempo, especulações nas redes sociais foram criadas em torno do novo coronavírus, como a ideia de que seria uma arma biológica criada em laboratório chinês⁴ com o objetivo de derrubar outras potências econômicas, como os Estados Unidos da América (EUA). Muito embora essa ideia da manipulação do vírus já tenha sido rebatida pelo campo das ciências médicas e biológicas, conforme evidencia o trabalho de Andersen et al. (2020), os delírios especulativos em torno dessa nova doença que assombra o mundo não cessam.

Diante desse cenário, concordamos com Santaella (2013, p. 34), que argumenta que precisamos investigar o que as práticas sociais na rede “estão fazendo com a nossa

⁴ Fake News: Coronavírus não foi fabricado pela China. Disponível em: <<https://is.gd/pqjM1G>>. Acesso em: 21 abr. 2020.

subjetividade e sociabilidade, com a nossa memória, com as nossas expectativas, anseios e desejos, o que estão fazendo com nossos modos de receber informação, de darmos conta dos fatos, de adquirir conhecimento”. Embora muitas informações verídicas sejam compartilhadas, acreditar em tudo o que lemos na internet é desconsiderar que existem grupos de pessoas que, intencionalmente, forjam mentiras e as compartilham amplamente na rede (RECUERO; GRUZD, 2019).

No que se refere à COVID-19, embora a OMS tenha decretado pandemia e orientado sobre a importância da quarentena como uma das principais medidas de segurança para evitar ainda mais a propagação da doença no mundo, vimos acompanhando líderes políticos caminhando na contramão das orientações da Organização, colocando em risco a vida das pessoas (GARRIDO; GARRIDO, 2020). Enunciados como “‘tá’ sendo superdimensionado o poder destruidor desse vírus”⁵ e “não vai ser uma gripezinha que vai me derrubar”⁶ foram e vêm sendo reiterados em inúmeras ocasiões pelo presidente do Brasil acerca do vírus que causa a COVID-19. Dispostos a expor uma política considerada irresponsável, uma quantidade considerável de *memes*⁷ vem sendo produzida com o objetivo de colocar em xeque as *fake news* brasileiras compartilhadas na rede em tempos de pandemia. Diante do exposto, concordamos quanto à importância de (re)agirmos “frente às barbaridades de nosso tempo, e isso inclui planejarmos de forma criteriosa a construção de estratégias de enfrentamento que sejam orquestradas também nas redes sociais *online*, garantindo que nossas vozes mobilizem o maior número de pessoas possível” (COUTO JUNIOR; BRITO; POCAHY; AMARO, 2019, p. 1.225, grifo dos autores).

Investigar as dinâmicas comunicacionais digitais problematizando o conteúdo das informações produzidas e disseminadas na rede revelam a complexidade de uma conjuntura social constituída de relações de poder em permanente disputa. Dito isso, discutir e analisar *fake news* é sempre um desafio porque envolve o cuidado de averiguarmos não somente o

⁵ Bolsonaro afirma que estão superdimensionando o poder do coronavírus. Disponível em: <<https://is.gd/Oea8E1>>. Acesso em: 21 de abr. 2020.

⁶ Bolsonaro diz que não será uma “gripezinha” que irá derrubá-lo. Disponível em: <<https://is.gd/PWLPPQ>>. Acesso em: 21 de abr. 2020.

⁷ Richard Dawkins, na obra *O Gene Egoísta* (1976), foi quem cunhou o termo *meme*. O autor, com formação em ciências biológicas, fez uma comparação entre *meme* e gene apontando que o primeiro seria a repetição de costumes e hábitos de uma cultura. Torres (2016, p. 60) mostra que o termo *meme* foi adaptado para o contexto das redes sociais da internet, passando “a ser uma ‘unidade’ propagada ou transmitida através da repetição e imitação, de usuário para usuário ou de grupo para grupo”.

conteúdo compartilhado na rede, mas também seu contexto de produção (GENESINI, 2018). Dessa forma, mesmo que as/os⁸ internautas questionassem todo e qualquer material com que tivessem contato, o que reconhecemos que não é uma prática usual, a dificuldade em classificar como informação verdadeira ou *fake news* se faria presente no percurso. Embora algumas informações nos pareçam verídicas, não podemos esquecer do ditado popular que diz que “nem tudo que reluz é ouro”. Nesse contexto das *fake news*, estamos todas/os sujeitas/os a “cair no conto do vigário”. Porém, um aspecto nos tranquiliza: “pode-se sempre enganar muitos por algum tempo, mas nunca a todos o tempo todo” (MESQUITA, 2018, p. 37).

Importante frisarmos que a internet não inventou as notícias falsas, embora tenha se tornado um dos principais palcos para sua disseminação (D’ANCONA, 2018). As notícias falsas sempre estiveram presentes na vida dos sujeitos ao longo de toda a história da humanidade; a novidade são as redes sociais digitais, tais como Facebook, Twitter e WhatsApp (COSTA, 2018). A partir desses usos, a capacidade de propagação das notícias falsas torna-se exponencial (GENESINI, 2018), principalmente quando consideramos que o ciberespaço interconecta pessoas de todos os lugares do mundo em uma mesma rede de acesso e transmissão (SANTAELLA, 2002).

Este texto, fruto de pesquisa de mestrado em andamento, visa discutir o papel dos *memes* em resposta às *fake news* brasileiras compartilhadas na rede em tempos de pandemia. O trabalho selecionou *memes* que evidenciam alguns episódios brasileiros recentes que trazem à tona temas como a banalização do novo coronavírus, possíveis tratamentos de cura da doença, além de uma crescente insatisfação social na rede diante da forma com a qual o Governo Federal vem lidando com a pandemia no país. Não duvidamos da potência dos *memes* na crítica à nossa própria história, uma vez que eles representam o vivo/vivido (NOLASCO-SILVA; SOARES; BIANCO, 2019) e se constituem como importantes estratégias na comunicação *online* para questionar os discursos do tempo presente (COUTO JUNIOR; POCAHY; CARVALHO, 2019).

Somando-se a isso, não seria demais supor que os *memes* nos convidam a pensar utopicamente, na medida em que veiculam “imageticamente aspectos da realidade, trazem

⁸ No decorrer do texto, optamos pelo uso do “a” na frente do “o” com a intenção de desestabilizar a hegemonia do masculino na língua portuguesa.

em seu viés cômico elementos para que a imaginação recrie/reinterprete a realidade por ele representada” (SANTOS; COLACIQUE; CARVALHO, 2016, p. 138). Pesquisar *memes* que expõem *fake news* brasileiras significa apostar na importância da rede para potencializar a produção e o compartilhamento de imagens-dizeres que nos convidam a participar de um movimento político orquestrado na internet contra algumas decisões governamentais em tempos de pandemia.

A seguir explicitamos nossa aposta no método da cartografia como opção teórico-metodológica de conduzir o trabalho de campo na internet⁹. Posteriormente discutimos os *memes* que foram produzidos em questionamento aos pronunciamentos do presidente brasileiro sobre concordar com a ideia de que o novo coronavírus seria apenas uma gripezinha, cujo tratamento supostamente eficaz poderia ser realizado com o uso do medicamento hidroxiquina. Por fim, na última parte do texto tecemos algumas reflexões que reforçam a necessidade do planejamento de práticas ciberativistas na rede como estratégia importante de combate às *fake news* em tempos de pandemia.

2 A CARTOGRAFIA COMO OPÇÃO METODOLÓGICA NA PESQUISA COM MEMES

Caminhamos em direção oposta àquela que busca um caminho único de partida com o objetivo de chegar a um ponto de chegada (KASTRUP, 2015). Apostamos no método da cartografia porque vislumbramos uma forma de pesquisar ancorada pela maneira como somos afetados pelos acontecimentos cotidianos, desde já reconhecendo que a imprevisibilidade é parte constituinte de nosso percurso investigativo. Como uma espécie de “antena parabólica”, o pesquisador que se apropria do método cartográfico explora o terreno de forma assistemática, “com movimentos mais ou menos aleatórios de passe e repasse, sem grande preocupação com possíveis redundâncias. Tudo caminha até que a atenção, numa atitude de ativa receptividade, é tocada por algo” (KASTRUP, 2015, p. 42). Em tempos de pandemia, vimos sendo tocadas/os e afetadas/os pela intensa proliferação de *fake news* que complexifica ainda mais analisar o contexto sociopolítico brasileiro.

⁹ A primeira autora do texto vem conduzindo esse trabalho de pesquisa no mestrado, cartografando *fake news* na internet.

O cartógrafo apresenta como intenção desenhar um território que traz “as marcas dos encontros que formam um relevo de várias origens, sintonias e estilos, misturando-se para compor uma paisagem em metamorfose constante” (RAMOS; PEDRINI; RODRIGUES, 2019, p. 145). Pensamos que as redes sociais da internet, nesse sentido, podem ser lidas como a materialização dessa metamorfose, ao passo as/os internautas estão imersas/os nas práticas sociais proporcionadas pelas dinâmicas comunicacionais *online*, ressignificando suas experiências em um processo de afetação que é mediado pela produção e pelo compartilhamento de postagens de todos os tipos. Arquivos de imagens, vídeos e sons, apenas para citar alguns exemplos, compõem parte do cenário da rede, cuja atualização constante é uma característica da internet, que precisa ser “alimentada” pelas vozes/palavras dos outros para manter vivas as conversações em/na rede.

Os *memes* refletem a dinamicidade de um fluxo comunicacional envolvendo pessoas de todos os cantos do mundo dispostas/os a produzir e a compartilhar informações em parceria com outras pessoas. Esse movimento criativo da rede, envolvendo autorias compartilhadas, promove novas percepções sobre os acontecimentos sociais cotidianos (SANTOS; CARVALHO, 2018). Os dizeres dos *memes*, materializados em discursos visuais, apresentam “alto potencial de remixagem, de transmissão, de personalização. Trata-se de unidades comunicativas que nascem e morrem de repente, mas que também ressuscitam quando já eram esquecimento” (NOLASCO-SILVA; SOARES; BIANCO, 2019, p. 124).

Pela sua plasticidade, os *memes* são produzidos constantemente, (re)editados permanentemente com o objetivo de colocar em debate os acontecimentos sociais de um determinado tempo e espaço. Localizar as/os autoras/es dessas imagens-dizeres nos parece uma tarefa impossível, além de que não podemos perder de vista que “o *meme* não é fruto de uma criação pessoal, mas consequência de uma rede de agenciamentos” (NOLASCO-SILVA; SOARES; BIANCO, 2019, p. 124, grifo dos autores). Entendemos que a criação do *meme* não visa atribuir autoria ao/à idealizador/a da imagem e dos dizeres, mas evidencia a relação colaborativa que vem sendo estabelecida entre as pessoas a partir do uso das tecnologias digitais. Com a internet, temos tido a oportunidade de ver o mundo com múltiplos olhares, (re)criando formas de ocupar o espaço da rede na medida em que participamos das experiências sociais com outras/os usuárias/os (JOBIM E SOUZA, 2002).

Nesse sentido, os *memes* analisados para este texto foram capturados de diversos perfis e páginas da rede social Facebook, entre março e abril de 2020. A escolha deles deu-se em função das importantes críticas que as imagens trazem e que dizem respeito ao descontentamento de parte da população brasileira sobre os discursos do presidente em tempos de pandemia. Considerando o caráter de viralização das imagens nas redes sociais, não é possível identificar a autoria dos *memes* produzidos e compartilhados, por isso mencionamos apenas quando e onde foram capturados os *memes* analisados neste texto. Apostamos na abordagem cartográfica para refletir sobre o que narram esses *memes* postados na rede em resposta às *fake news*, reconhecendo que esses arquivos digitais nos convidam a olhar criticamente para as repercussões sociais de um tempo marcado por intensas disputas políticas. Com a cartografia “estamos sempre implicados com aqueles e com aquilo que estudamos e não somos inocentes de nossos atos com as pesquisas” (RAMOS; PEDRINI; RODRIGUES, 2019, p. 148). Diante da quantidade exponencial de *memes* postados na rede desde que a OMS decretou a pandemia, optamos pela análise daqueles que nos tocam/afetam, uma vez que suas imagens-dizeres apresentam uma dimensão crítica e criativa que vem sendo responsável pelo questionamento de nosso próprio contexto político.

3 POR ENTRE A GRIPEZINHA, A CLOROQUINA E A GUILHOTINA: O QUE DIZEM OS MEMES QUE COLOCAM EM XEQUE AS FAKE NEWS BRASILEIRAS EM TEMPOS DE PANDEMIA?

Os *memes* produzidos e compartilhados na internet refletem um cenário de crescente insatisfação das/os brasileiras/os diante dos acontecimentos sociais em tempos de quarentena. Nesse contexto, cabe frisar que a internet não é uma espécie de mundo virtual paralelo “descolado” das práticas cotidianas face a face; pelo contrário, a rede é constituída de pessoas de carne e osso que participam de experiências sociais mediadas pelo digital ao mesmo tempo que habitam os espaços físicos (COUTO JUNIOR; OSWALD, 2014). Os *memes* têm o potencial de contestar e refletir sobre a realidade em que vivemos com o uso, principalmente, do humor e da ironia, favorecendo a produção de críticas sobre os diferentes acontecimentos cotidianos (SANTOS; COLACIQUE; CARVALHO, 2016).

Com base nesse cenário, buscamos trazer para a pesquisa uma das figuras políticas que acabou se tornando alvo de críticas constantes na rede em meio ao contexto da pandemia: o presidente brasileiro Jair Bolsonaro. Em diversas ocasiões, seus discursos contrariam as orientações da OMS, reforçando que “não podemos entrar ‘numa’ neurose, como se fosse o fim do mundo”¹⁰, inclusive discordando da quarentena ao frisar que “a economia não pode parar”¹¹.

Figura 01 - Homem-Aranha preocupado com o discurso do presidente



Fonte: Imagem capturada do Facebook no mês de março de 2020.

Os enunciados proferidos pelo presidente apresentam a capacidade de produzir efeitos na construção de realidades sociais. Nesse contexto, a linguagem quando repetida pode fazer alguma coisa acontecer ou trazer algum fenômeno à existência, característica que postula os atos de fala como performativos (PINTO, 2007; BUTLER, 2018). A linguagem performativa torna-se predicado para a linguagem no geral, como afirma Pinto (2007, p. 2), pois defini-la como participante dos sentidos que criam realidades sociais “traz a tona que todos os enunciados, todos os atos de fala, tudo o que dizemos faz”. Desse modo, a performatividade é um modo de nomear o poder que a linguagem tem de atuar na criação de uma nova situação ou de acionar um conjunto de efeitos que trabalham na produção de diversos sentidos sociais que podem materializar-se. Isso é o que exemplifica Butler (2018, p. 35):

¹⁰ Bolsonaro diz que não é o fim do mundo. Disponível em: <<https://is.gd/aGBuLH>>. Acesso em: 17 abr. 2020.

¹¹ Bolsonaro afirma que a economia não pode parar. Disponível em: <<https://is.gd/ZAKvyv>>. Acesso em: 21 abr. 2020.

Não é por acaso que Deus geralmente receba o crédito pelo primeiro ato performativo: “Faça-se a luz”, e então de repente a luz passa a existir. Ou presidentes que declaram guerra e geralmente a veem se materializar como resultado de suas declarações, assim como em geral também os juízes que declaram duas pessoas casadas, sob as condições adequadas, produzem casais casados como resultado de seu enunciado. A questão não é apenas que a linguagem atua, mas que atua de maneira poderosa.

Com isso, a realidade criada pelos efeitos performativos enunciados pelo presidente vem fazendo com que em muitas cidades do país suas/seus apoiadoras/es organizem manifestações (Figura 2) contra as medidas de quarentena, com o objetivo de fazer com que a economia volte a se aquecer, colocando a saúde da população em risco. Além disso, recorrentemente as manifestações têm colocado em pauta a volta da ditadura, exigindo a extinção do Congresso Nacional. Não é nossa intenção com este texto discutir de forma detalhada todas as questões sociais e políticas que atravessam os discursos proferidos pelo presidente, mas entender que não estamos lidando simplesmente com informações mal apuradas ou recortes específicos de um contexto. Precisamos considerar que existe na política a produção de discursos baseados em informações falsas divulgadas intencionalmente nas redes sociais com o objetivo de atingir determinados grupos de sujeitos (RECUERO; GRUZD, 2019).

Figura 02 - Cartaz convocando a população para as ruas em tempos de pandemia no Brasil



Fonte: Imagem capturada do Facebook no mês de abril de 2020.

Figura 03 - Meme fazendo a crítica às manifestações nas ruas



Fonte: Imagem capturada do Facebook no mês de abril de 2020.

Muitos *memes* produzidos no contexto da pandemia vêm alertando para os perigos dos discursos proferidos pelo presidente. Entendendo que a linguagem é capaz de criar e materializar realidades (BUTLER, 2018), percebe-se a necessidade de questionar a força que as palavras apresentam no fluxo da dinâmica comunicacional. Dado o exposto, um episódio que resultou em grande repercussão na internet ocorreu em Brasília, em frente ao Palácio do Planalto, por meio do discurso matinal proferido por Bolsonaro em abril de 2020, no qual

afirmou: “Eu sou, realmente, a Constituição”¹². Seu posicionamento viralizou nas redes sociais, não demorando muito para ser comparado com o rei francês Luís XIV, a quem foi atribuída a frase “O Estado sou eu”. Enquanto Luís XIV é considerado na história como um símbolo da monarquia absolutista no período compreendido entre 1643 e 1715 (OLIVEIRA, 2009), Jair Bolsonaro, presidente no Brasil desde 2019 sob regime democrático, cuja representação direta dos ideais da população deveria “reinar”, vêm se apropriando da ideia de poder soberano para colocar em prática uma política que vem sendo muito criticada.

Figura 04 - Luís Bolsonaro XIV em tempos de pandemia



Fonte: Imagem capturada do Facebook no mês de abril de 2020.

O *meme* acima, ao substituir o rosto de Luís XIV pelo de Bolsonaro, ressignifica a frase do rei francês para o contexto político brasileiro atual: “A Constituição sou eu”. A presença do médico Dráuzio Varella no *meme* é justificada pela sua participação em um quadro do programa de televisão Fantástico, apresentado pela Rede Globo, no qual abordou o tema das mulheres trans em presídios brasileiros. Durante a reportagem, Dráuzio questiona há quanto tempo uma das detentas não recebia visitas e se emociona ao ouvir dela: “8 anos, 7 anos, bastante tempo...”. Como resposta, o médico diz: “solidão, né minha filha?”¹³. A reportagem viraliza principalmente pela comoção das/os internautas – em posições distintas: contrária e favorável à abordagem da matéria – e a fala do médico acaba tornando-se uma espécie de

¹² Bolsonaro diz que ele é a Constituição. Disponível em: <<https://is.gd/Z33VSd>>. Acesso em: 21 abr. 2020.

¹³ Drauzio Varella em reportagem para o Fantástico. Disponível em: <<https://is.gd/1LVV3l>>. Acesso em: 21 abr. 2020.

bordão que sofre ressignificações a todo tempo, conforme evidenciado nos dizeres do *meme* acima: “Que falta faz uma guilhotina, né minha filha?”.¹⁴

Diante dos inúmeros elementos visuais-discursivos presentes no *meme* acima, destacamos ainda o uso do termo “guilhotina”, instrumento utilizado para aplicar a pena de morte por decapitação, retomado durante a Revolução Francesa, como no caso de Luís XVI, em nome das necessidades de revolução e da salvação pública (VOVELLE, 2012). Essa forma criativa de produzir uma crítica ao discurso do presidente, abarcando imagens-dizeres frutos de contextos espaço-temporais diversos, revela o quanto os *memes* não são “unidades fechadas em si, mas que vão mudar de sentido ao serem recombinadas e produzir *memes* derivados, num processo de variação sem controle” (BENTES, 2015, p. 12, grifo dos autores).

De todo modo, não podemos ignorar a força das redes sociais como espaço de ativismo político na luta contra os discursos e práticas que se distanciam do regime democrático no qual vivemos hoje no Brasil. Interessante pensarmos neste momento no conceito de ciberativismo, que vem sendo importante nos estudos que discutem as experiências sociais de pessoas que se mobilizam ativamente pelas redes sociais digitais para discutir e colocar em prática estratégias de resistência contra ideologias machistas, sexistas e fascistas (COUTO JUNIOR; VELLOSO; SANTOS, 2020). É pelas tantas vidas precárias não dignas de luto (BUTLER, 2015) que reconhecemos a necessidade de ampliarmos as alianças políticas, aumentando a visibilidade de nossas denúncias contra todo e qualquer tipo de preconceito e discriminação, inclusive os discursos na rede que incitam o ódio às chamadas minorias sociais. Novamente recorremos a Butler (2015, p. 53), para quem

essas populações são “perdíveis”, ou podem ser sacrificadas, precisamente porque foram enquadradas como já tendo sido perdidas ou sacrificadas; são consideradas como ameaças à vida humana como a conhecemos, e não como populações vivas que necessitam de proteção contra a violência ilegítima do Estado, a fome e as pandemias.

Com os *memes*, temos tido a oportunidade de agenciar mobilizações políticas em um contexto que exige de nós enfrentar a descredibilização da ciência em pleno momento de

¹⁴ Na repercussão gerada pela matéria do Fantástico, diversos *memes* foram criados em cima da frase de Dráuzio nesse processo de ressignificação de sua fala na reportagem. Entre estes *memes*, destacam-se aqueles que condenavam a matéria jornalística por performatizar um novo sentido para uma pessoa presa e que, supostamente, teria cometido um crime. Tal sentido, nessa crítica dos *memes*, buscava um olhar de reconhecimento para uma mulher trans presidiária, invisibilizando assim seus crimes cometidos e o fato de estar presa pagando pelo ato.

pandemia. O *meme* acima é uma crítica às afirmações de Bolsonaro em defesa do uso da hidroxicloroquina. Embora tenha apontado que não houvesse ainda a finalização do protocolo de testes, o discurso de autoconfiança do presidente deposita esperança em um medicamento que, de acordo com ele, pode “entrar para a história como tendo salvo milhares de vidas no Brasil”¹⁵. Não há dúvida sobre a importância de questionar os efeitos produzidos por discursos que constituem e materializam determinadas realidades (BUTLER, 2018).

A hidroxicloroquina é utilizada no tratamento de malária, artrite, lúpus e reumatismo, entre outras doenças. A divulgação dessa *fake news* em rede nacional tornou-se um perigo, fazendo com que os sujeitos, mesmo aqueles que não apresentavam sintomas do COVID-19, fossem até as farmácias comprá-la para automedicação. A gravidade da situação fez com que a própria Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) enquadrasse a hidroxicloroquina na categoria dos controlados¹⁶, de modo a impedir a escassez do medicamento para as pessoas que fazem uso dele sob prescrição médica.

Figura 05 - (Hidroxi)cloroquina, o remédio “salvador” da pátria



Fonte: Imagem capturada do Facebook no mês de abril de 2020.

Frente ao cenário caótico instaurado pela pandemia, Bolsonaro torna-se alvo de críticas nas redes sociais, protagonizando *memes* que evidenciam o uso do humor como

¹⁵ Bolsonaro defende o uso de hidroxicloroquina. Disponível em: <<https://is.gd/gHJgLP>>. Acesso em: 22 abr. 2020.

¹⁶ Anvisa enquadra hidroxicloroquina e cloroquina na categoria controlada. Disponível em: <<https://is.gd/eRzigX>>. Acesso em: 22 abr. 2020.

estratégia comunicativa para explorar elementos socioculturais distintos (SANTOS; COLACIQUE; CARVALHO, 2016). As imagens divulgadas na rede podem ser importantes disparadores de reflexões, permitindo entender um pouco melhor o nosso tempo presente. Determinados *memes* fazem parte de um movimento de rememorar o passado na medida em que o presente é colocado em debate. A construção narrativa-imagética do *meme* da “Rainha Louca - Carlota Cloroquina” acima (Figura 5) aponta uma complexidade de elementos que se cruzam de modo a personificar a figura do presidente. Dona Maria I (1734-1816) ficou popularmente conhecida como “Rainha Louca” devido à sua doença mental. Carlota Joaquina (1775-1830), acionada no *meme* como “Carlota Cloroquina”, apresentava uma imagem polêmica e caricata, reconhecida pela “vocação para o poder e a ambição desmedida que a levaram a participar de inúmeras conspirações e tentativas de golpe” (GOMES, 2007, p. 71).

Além das duas personagens, a montagem insere o rosto de Bolsonaro à imagem da Rainha de Copas do livro *Alice no País das Maravilhas*. De autoria de Lewis Carroll, o livro apresenta a Rainha como uma personagem marcada por um sentimento de impaciência e com uma postura autoritária que, ao menor sinal de desrespeito, ordena a decapitação. A sanidade mental de Bolsonaro é colocada em debate no *meme*, uma vez que seu discurso fica desalinhado com as recomendações da OMS quando indica o uso da hidroxicloroquina como medicamento “salvador” na cura contra a COVID-19. Além disso, existem *memes* (Figura 6) que se alinham com as orientações da OMS e, de forma criativa, mostram a importância de permanecer em casa com o objetivo de evitar o aumento do número de pessoas contaminadas pelo novo coronavírus.

Figura 06 - Bundanosofá, eficácia cientificamente comprovada em tempos de COVID-19



Fonte: Imagem capturada do Facebook no mês de março de 2020.

Ao acompanhar esse processo de produção de *memes* na rede, reiteramos a potência de algumas dessas imagens, cujos dizeres agem como forma de conscientizar a população, ressignificando a propagação de notícias falsas por meio do ativismo político. O viés cômico atribuído aos *memes* materializa nova/s realidade/s (SANTOS; COLACIQUE; CARVALHO, 2016) para ressignificar a forma como podemos nos proteger durante o período de pandemia, conforme evidencia a divulgação do Bundanosofá (Figura 6). Seguindo as recomendações da OMS, a embalagem do “Bundanosofá” brinca com a ideia de que seria classificado como o único medicamento com eficácia comprovada na prevenção do novo coronavírus, alertando para a importância de permanecermos em casa e desconsiderarmos a falácia de que “tivemos vírus muito mais graves que não provocaram essa histeria¹⁷.

4 REFLEXÕES FINAIS: SOBRE A IMPORTÂNCIA DO CIBERATIVISMO EM TEMPOS DE PANDEMIA

Importante frisar que, durante o período de escrita deste texto, ainda vivenciamos o período de quarentena e somos diariamente atravessadas/os por notícias de todos os tipos, desde aquelas produzidas pela grande mídia como aquelas compartilhadas por pessoas que

¹⁷ Bolsonaro afirma que não entende a histeria em relação ao coronavírus. Disponível em: <https://is.gd/vfikUD>. Acesso em: 14 abr. 2020.

buscam disseminar inverdades por meio das redes sociais. Desse modo, não cabe pensarmos em respostas conclusivas para analisarmos os *memes* que têm sido produzidos em resposta a algumas decisões governamentais em tempos de pandemia. Dessa forma, nossa cartografia vem observando e analisando o quanto os *memes* criados são capazes de questionar o cenário político, mobilizando outras pessoas na rede com a intenção de ampliar as vozes e fortalecer as práticas ciberativistas. Essas práticas constituem-se parte do cenário sociotécnico denominado cibercultura (SANTOS, 2011) e evidenciam a potência das ações colaborativas mediadas pelo digital em rede.

As práticas comunicacionais na rede envolvem a interação entre seres humanos geograficamente dispersos. Em tempos de pandemia, a expressão “isolamento social” é constantemente mencionada na mídia como medida importante para evitar a circulação do novo coronavírus. De forma alguma discordamos dessa medida defendida pela OMS, mas nos questionamos sobre a ideia de que estamos isoladas/os socialmente quando muitas/os de nós¹⁸ permanecem interconectadas/os com outras pessoas por meio das redes sociais da internet. Dito isso, procuramos dialogar com outras expressões conforme propõe Henrique (2020). Julgamos que essas expressões traduzem de forma mais fiel o fenômeno que hoje vivenciamos neste período de pandemia, considerando as configurações das relações sociais mediadas por aplicativos, chamadas de vídeo, ligações e mensagens de texto (para citar alguns exemplos) com aquelas/es que estão geograficamente dispersas/os.

É no contexto de um fluxo comunicacional dinâmico que, durante esta época de quarentena, vimos fazendo uso das práticas de sociabilidade mediadas pelo digital em rede, desde já reconhecendo a importância da internet para pensarmos que o cuidado com o outro, o carinho, a saudade e a solidariedade vêm se fazendo presentes diante do estado de alerta que a COVID-19 impõe (HENRIQUE, 2020). Nesse sentido, trazemos para o debate a importância do fortalecimento coletivo durante o período de pandemia, na busca por estratégias que propaguem orientações da OMS, como o isolamento físico. Uma dessas estratégias políticas orquestradas na internet são as práticas ciberativistas vivenciadas pelos sujeitos em âmbito mundial (PRIMO, 2013).

Cartografar *memes* na internet nos convida a olhar para:

¹⁸ Foge do foco deste texto discutir a exclusão digital vivenciada por um grupo considerável de pessoas no Brasil, embora reconheçamos que a internet seja artigo de luxo no país (NOLASCO-SILVA, 2018).

a força dos movimentos espontâneos em rede, cujos efeitos antes não eram possíveis em uma sociedade caracterizada pela mídia de massa. As próprias práticas de ciberativismo comprovam a força dos meios digitais para a articulação, mobilização e ações políticas (PRIMO, 2013, p. 17).

Com as redes sociais temos tido a oportunidade de compartilhar visões de mundo com outras pessoas geograficamente dispersas no contexto de uma dinâmica comunicacional que permite orquestrar mobilizações políticas nestes tempos de pandemia, questionando *fake news* que colocam em risco a própria segurança das/os brasileiras/os.

Concordamos que precisamos ampliar nossos esforços coletivos na luta cotidiana contra as barbaridades de nosso tempo. Para isso, cabe colocar em prática ações colaborativas que busquem agenciar “novas estratégias de (re)existência com o intuito de desestabilizar os discursos que sustentam com força a onda conservadora no Brasil” (BRITO; COUTO JUNIOR, 2019, p. 300-301). Nesse sentido, concordamos com Sepulveda e Sepulveda (2016) quanto à complexidade presente no termo “conservadorismo”, que pode ser justificado pelo fato de não conseguirmos pensá-lo como categoria estática. Sempre relacionado ao comportamento humano, especificamente dentro do campo político, suas características antidemocráticas e contrarrevolucionárias fazem-se presentes a todo momento em períodos históricos marcados por disputas político-sociais (SEPULVEDA; SEPULVEDA, 2016). Diante do cenário de quarentena, especificamente no Brasil, questionamos como vem sendo problemática a presença de pensamentos e tomadas de decisões marcados pelo conservadorismo político do governo Bolsonaro.

Neste contexto, estamos diante do que Butler (2015), na discussão sobre a noção de precariedade, nomeia como violência de Estado, ao tomarmos como exemplo os posicionamentos do governo enunciados nas falas do presidente Jair Bolsonaro sobre a pandemia. A autora, em sua crítica, denuncia ações do Estado que são capazes de produzir, explorar e distribuir condições precárias, sobretudo a sujeitos em condição de vulnerabilidade para fins de lucro e interesses individuais. Tais ações constituem um tipo de violência que escancara o ataque à condição compartilhada da vida humana, pois justamente o Estado que deveria dar suporte a populações em risco de assédio e violência é o que retira direitos e precariza de maneira voraz a vida destas pessoas. Como postula Butler:

Apenas mediante a crítica à violência do Estado é que teremos a possibilidade de identificar e reconhecer as alianças já existentes e os pontos de contato com outras minorias a fim de considerar sistemicamente como a coerção busca nos dividir e manter nossa atenção desviada da crítica da violência propriamente dita (BUTLER, 2015, p. 195).

Questionamo-nos sobre os efeitos de uma pandemia em uma época de intensos cortes na pesquisa científica. O investimento em pesquisa de que tanto precisamos hoje para o desenvolvimento de vacinas contra doenças como a COVID-19 vem sendo cada vez mais asfixiado no país. A sociedade vem pagando um preço alto ao desacreditar no potencial da pesquisa, reconhecendo-a muitas vezes como gasto e não como investimento importante. Somando-se a isso, no contexto das *fake news* em tempos de pandemia, não é a falta de informação que nos preocupa, pelo contrário. Preocupa-nos a qualidade duvidosa de informações que são intensamente produzidas e compartilhadas nas diversas redes sociais e o que leva determinados grupos de sujeitos a acreditar em determinados conjuntos de ideias tidas como verdades inquestionáveis.

Dessa forma, interessa-nos investigar a materialização de uma realidade criada pelo poder enunciativo da linguagem (BUTLER, 2018), que faz da hidroxicloroquina a cura para a COVID-19 mesmo diante da banalização da doença. Cabe aqui reiterar que não se trata de culpabilizar as redes sociais da internet pela produção e pelo compartilhamento de *fake news*, mas questionar os motivos pelos quais essas notícias são produzidas e quais estratégias podemos adotar, daqui em diante, para colaborar com a ressignificação de certas visões de mundo que acreditam veementemente que tudo que reluz é ouro.

REFERÊNCIAS

ANDERSEN, Kristian G. et al. **The proximal origin of SARS-CoV-2.** *Nature Medicine*, v. 26, p. 450-452, abr. 2020. Disponível em: <<https://go.nature.com/3cAsXMy>>. Acesso em: 20. abr. 2020.

BENTES, Ivana. **Mídia-multidão: estéticas da comunicação e biopolíticas.** Rio de Janeiro: Mauad, 2015.

BRITO, Leandro Teofilo de; COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro. Performatizações dissidentes na escola: masculinidades precárias em discussão. *Periódicus*, Salvador, v. 1, n. 11, p. 284-302, maio/out. 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/2O8Pdn6>>. Acesso em: 29 jan. 2020.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia.** Tradução de Fernanda Siqueira Miguens. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

BUTLER, Judith. **Quadros de guerra**. Quando a vida é passível de luto?. Tradução de Sérgio Lamarão e Arnaldo Marques da Cunha. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

COSTA, Caio Túlio. Verdades e mentiras no ecossistema digital. **Revista USP**, São Paulo, n. 116, p. 7-18, jan./fev./mar. 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/35TU7ui>>. Acesso em: 14 jan. 2020.

COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro; BRITO, Leandro Teofilo de; POCAHY, Fernando; AMARO, Ivan. Jovens em estado de alerta no Facebook: diálogos tecidos em/na rede como estratégia de (re-)existência à regulação das vidas precarizadas. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 14, n. 3, p. 1210-1229, set./dez. 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/2oqqqfW>>. Acesso em: 2 out. 2019.

COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro; OSWALD, Maria Luiza Magalhães Bastos. “Fico sem nada de interessante pra postar qnd estou recatada!”: a relação entre o espaço eletrônico e o espaço físico em conversas mantidas entre jovens no Facebook. In: PORTO, Cristiane; SANTOS, Edméa (Orgs.). **Facebook e educação: publicar, curtir, compartilhar**. Paraíba: EDUEPB, 2014, p. 167-184.

COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro; POCAHY, Fernando; CARVALHO, Felipe da Silva Ponte de. Ensinar-aprender com os memes: quando as estratégias de subversão e resistência viralizam na internet. **Periferia**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 17-38, maio/ago. 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/2EsoMEd>>. Acesso em: 22 maio 2019.

COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro; VELLOSO, Luciana; SANTOS, Rosemary dos. Os movimentos ciberativistas de (re)existência nas redes sociais e suas implicações para a educação. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 60, p. 91-108, jan./mar. 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/2weX6Bj>>. Acesso em: 1 mar. 2020.

D’ANCONA, Matthew. **Pós-verdade: a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news**. Tradução de Carlos Szlak. Barueri: Faro Editorial, 2018.

GARRIDO, Rodrigo Grazinoli; GARRIDO, Fabíola S. R. Grazinoli. COVID-19: um panorama com ênfase em medidas restritivas de contato interpessoal. **Interfaces Científicas – Saúde e Ambiente**, Aracaju, v. 8, n. 2, p. 127-141, 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/3cudw8l>>. Acesso em: 20 abr. 2020.

GENESINI, Silvio. A pós-verdade é uma notícia falsa. **Revista USP**, São Paulo, n. 116, p. 45-58, jan./mar. 2018. Disponível em: <<https://is.gd/UF5CSV>>. Acesso em: 19 abr. 2020.

GOMES, Laurentino. **1808: como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a história de Portugal e do Brasil**. Rio de Janeiro: Planeta, 2007.

HENRIQUE, Trazíbulo. COVID-19 e a internet (ou estou em isolamento social físico). **Interfaces Científicas – Humanas e Sociais**, Aracaju, v. 8, n. 3, p. 173-176, 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/2KMPTG5>>. Acesso em: 28 abr. 2020.

JOBIM E SOUZA, Solange. O olho e a câmera: desafios para a educação na época da interatividade virtual. **Revista Advir**, Rio de Janeiro, n. 15, p. 75-81, set. 2002.

KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana. **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015, p. 32-51.

MESQUITA, Fernão Lara. A pós-verdade levará à pós-democracia? **Revista USP**, São Paulo, n. 116, p. 31-38, jan./fev./mar. 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/2QQFDa8>>. Acesso em: 14 jan. 2020.

NOLASCO-SILVA, Leonardo. “Os olhos tristes da fita rodando no gravador”: *as tecnologias educacionais como artesanias docentes discentes*. 2018. 205f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

NOLASCO-SILVA, Leonardo; SOARES, Maria da Conceição Silva; BIANCO, Vittorio Lo. Os memes e o golpe. **Periferia**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 111-130, maio/ago. 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/2kW2Pqq>>. Acesso em: 20 set. 2019.

OLIVEIRA, Maria Izabel Barboza de Moraes. **O príncipe pacífico: Bossuet, Luís XIV e Antônio Vieira**. 2009. 411 f. Tese (Doutorado em História). Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

PINTO, Joana Plaza. Conexões teóricas entre performatividade, corpo e identidades. **Revista DELTA**, São Paulo, v. 23, p. 1-26, 2007. Disponível em: <<https://bit.ly/3bFjBPN>>. Acesso em: 23 abr. 2020.

PRIMO, Alex. Interações mediadas e remediadas: controvérsias entre as utopias da cibercultura e a grande indústria midiática. In: PRIMO, Alex (Org.). **Interações em rede**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2013, p. 13-32.

RAMOS, Hugo Souza Garcia; PEDRINI, Mateus Dias; RODRIGUES, Alessandro. Cartografia e pesquisas com os cotidianos: um encontro metodológico. **Rebeh - Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, v. 2, n. 2, p. 139-151, jan. 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/33SkvVK>>. Acesso em: 25 mar. 2020.

RECUERO, Raquel; GRUZD, Anatoliy. Cascatas de Fake News políticas: um estudo de caso no Twitter. **Galáxia**, São Paulo, n. 41, p. 31-47, maio/ago. 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/2xc0bCt>>. Acesso em: 19 mar. 2020.

SANTAELLA, Lucia. Intersubjetividade nas redes digitais: repercussões na educação. In: PRIMO, Alex (Org.). **Interações em rede**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2013, p. 33-47.

SANTAELLA, Lucia. A crítica das mídias na entrada do século 21. In: PRADO, José Luiz Aida (Org.). **Crítica das práticas midiáticas: da sociedade de massa às ciberculturas**. São Paulo: Hacker, 2002, p. 44-56.

SANTOS, Edméa. A cibercultura e a educação em tempos de mobilidade e redes sociais: conversando com os cotidianos. In: FONTOURA, Helena Amaral; SILVA, Marco (Orgs.). **Práticas pedagógicas, linguagem e mídias: desafios à Pós-graduação em Educação em suas múltiplas dimensões**. Rio de Janeiro: ANPEd Nacional, 2011, p. 75-98.

SANTOS, Edméa; CARVALHO, Felipe da Silva Ponte de. Autorias partilhadas na interface cidade-redes digitais. **Interfaces Científicas – Educação**, Aracaju, v. 6, n. 3, p. 29-40, jun. 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/2MQHAOF>>. Acesso em: 20 jul. 2018.

SANTOS, Edméa; COLACIQUE, Raquel; CARVALHO, Felipe da Silva Ponte de. A autoria visual na internet: o que dizem os memes? **Quaestio**, Sorocaba, v. 18, n. 1, p. 135-157, maio 2016. Disponível em: <<https://bit.ly/2MGandy>>. Acesso em: 14 abr. 2019.

SEPULVEDA, José Antonio; SEPULVEDA, Denize. O pensamento conservador e sua relação com práticas discriminatórias na educação: a importância da laicidade. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 47, p. 141-154, out./dez. 2016. Disponível em: <<https://is.gd/len86B>>. Acesso em: 29 abr. 2020.

TORRES, Ton. O fenômeno dos memes. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 68, n. 3, p. 60-61, set. 2016. Disponível em: <<https://bit.ly/2v3ygQY>>. Acesso em: 13 abr. 2019.

VOVELLE, Michel. **A Revolução Francesa, 1789-1799**. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

All that Glitters is not Gold: Discussing Memes and Fake News in Pandemic Times

ABSTRACT

This paper is the result of an ongoing master's research project, and aims to discuss the role of memes in response to Brazilian fake news shared on the Internet during pandemic times. We selected memes that show recent Brazilian episodes that bring up themes such as the trivialization of the new coronavirus, possible treatments for its cure and a growing online social discontent regarding the way that the Federal Government has been dealing with the pandemic in Brazil. For this analysis, we use the cartographic method to reflect on what the memes posted online during this pandemic narrate, recognizing that they invite us to critically observe the social impacts of a period highlighted by intense political disputes. Researching memes that expose fake Brazilian news means relying on the importance of the Internet to enhance the production and sharing of images-sayings that encourage us to participate in an important cyberactivist movement orchestrated against some government decisions in pandemic times.

Keywords: Pandemic. Fake news. Memes. Cyberactivism.

No Todo lo que Brilla es Oro: Discutir memes y Fake News en Tiempos de Pandemia

RESUMEN

Este texto, resultado de una investigación de maestría en curso, tiene como objetivo discutir el papel de los *memes* en respuesta a las *fake news* brasileñas compartidas en la red en tiempos de pandemia. El trabajo seleccionó *memes* que muestran algunos episodios brasileños recientes que traen temas como la banalización del nuevo coronavirus, posibles tratamientos para curar la enfermedad, además de una creciente insatisfacción social en la red con respecto a la forma en que el Gobierno Federal ha estado tratando con la pandemia en el país. Para ello, apostamos por el enfoque cartográfico para reflexionar sobre lo que narran los *memes* colgados en la red en tiempos de pandemia, reconociendo que estos archivos digitales nos invitan a mirar críticamente las repercusiones sociales de una época marcada por intensas disputas políticas. Buscar *memes* que expongan *fake news* brasileñas significa apostar por la importancia de la red para potenciar la producción y el intercambio de imágenes-dichos que nos invitan a participar de un importante movimiento ciberactivista orquestado en internet contra algunas decisiones gubernamentales en tiempos de pandemia.

Palabras clave: Pandemia. Fake news. Memes. Ciberactivismo.

Recebido em: 01/02/2021

Aceite em: 29/04/2021